



Dossiê 8 anos depois de “Migrar: experiências, memórias e identidades”

PARTE 1

Dezembro de 2022

Projeto "8 anos depois de Migrar: experiências , memórias e identidades"

**Concepção da pesquisa, análise e
redação do dossiê
Thiago Haruo Santos**

**Pesquisa
Thiago Haruo Santos
Ana Carolina Falconeris
Henrique Trindade
Otávio Balaguer**

**Registros fotográficos
Henrico Bianchi**

**Apoio de produção
Joanna Flora**

**Apoio tecnologia da informação
Sergio Moreno
Alexandre Cardoso**



Figura 1 Primeiro encontro: Organizações de migrantes internacionais



Figura 2 Quinto encontro: Museus parceiros e às instituições que trabalham a memória

Sumário

PARTE 1

10 Conclusões principais do projeto "8 anos depois de Migrar: experiências , memórias e identidades"	5
O Projeto "8 anos depois de Migrar: experiências, memórias e identidades"	8
Análise do material	9
Excertos ilustrativos das transcrições	15

10 Conclusões principais do projeto “8 anos depois de Migrar: experiências, memórias e identidades”

1. A atual exposição de longa duração do Museu da Imigração não superou o desafio colocado em 2014, explicitado no plano museológico da época, de tratar das migrações como um fenômeno humano, para além das migrações históricas. A Nova Exposição de Longa Duração do Museu da Imigração (NELD-MI) poderá enfrentar essa limitação;
2. Em relação às migrações históricas, as escutas apontaram para a necessidade de desfazer a errônea compreensão veiculada pela atual exposição de que migração histórica é a “Grande Imigração” (século XIX com origem europeia). Ao evitar essa falsa equivalência, será possível equilibrar a narrativa, dando espaço para as migrações internas, os deslocamentos negros e indígenas;
3. As atividades de escuta apontaram para uma insuficiência da abordagem dada a história do edifício que abriga o Museu da Imigração. Nesse sentido, foi sugerido trabalhar os dois aspectos que, apesar de aparentemente contraditórios, potencializam a narrativa sobre esse patrimônio: por um lado, o contexto histórico do projeto de embranquecimento que o gerou e; por outro, o exemplo único que ele representa, de execução de uma política pública voltada para o acolhimento de migrantes nacionais e internacionais;
4. Durante as atividades de escuta, foi reconhecida a importância de seguir explorando o caráter afetivo em torno das memórias individuais sobre as migrações. No entanto, é necessário ampliar essa noção de memória, oferecendo essa conexão também às memórias individuais de migrantes internos, povos negros e indígenas e migrantes contemporâneos;
5. O acervo da instituição (objetos museológicos e documentos) e àqueles vinculados à memória das migrações históricas (Arquivo Público do Estado) precisam ser acionados na nova exposição em um registro que vá para além do uso cenográfico. Nesse sentido, foram apontados como possibilidades: a construção de vínculos dos objetos com narrativas pessoais, a utilização de recursos artísticos

(encenações e literatura), além da utilização de objetos tomados por empréstimo de outros museus e instituições das comunidades (caso principalmente dos deslocamentos negros e indígenas e migrantes internacionais contemporâneas);

6. Foi percebida a necessidade de acionar os objetos museológicos de maneira mais bem distribuída ao longo da nova exposição, evitando interpretações que indiquem maior peso narrativo dado para alguns fenômenos migratórios em detrimento de outros;
7. Na atual exposição de longa duração, ressentem-se de marcos interpretativos apoiados na história nacional. Nesse sentido, foi mencionado elementos históricos importantes como o projeto de embranquecimento da população, a lei de terras que reorganizou o território sobre o qual se deram as migrações, projetos urbanos higienistas, os projetos econômicos que reorganizaram os fluxos humanos, assim como os projetos dos povos negros e indígenas que também utilizaram o deslocamento como forma de resistência;
8. Foi indicado que a Nova Lei de Migração (L13445/2017) é elemento fundamental para trazer as migrações contemporâneas para a NELD-MI, oferecendo ao público informação atualizada, pertinente sobre o cenário mais recente das migrações, a partir da perspectiva dos Direitos Humanos;
9. Ao trazer mais experiências pessoais, sugere-se dar maior equilíbrio a narrativa curatorial, trazendo também a experiência feminina, das crianças e da população LGBTQI+, de maneira transversal e bem distribuída entre diferentes temáticas e recortes temporais;
10. As migrações contemporâneas estão subrepresentadas na atual exposição de longa duração. As migrações forçadas e o refúgio como um todo estão ausentes. Para a NELD-MI, foi sugerida a possibilidade de explorar melhor tanto histórias individuais, de lideranças reconhecidas no cenário migratório (o acervo de HO dá apoio a essa sugestão), assim como uma apresentação mais detalhada da experiência de cada uma das comunidades e coletividades.

Migrar: experiências , memórias e identidades

A atual exposição de longa duração do Museu da Imigração foi inaugurada ao público em 31 de maio de 2014. Ela foi elaborada por uma equipe interdisciplinar, formada por funcionários das três organizações sociais que se sucederam ao longo do seu planejamento (2010-14). São elas: Associação de Amigos do Memorial do Imigrante, Instituto da Arte do Futebol Brasileiro e Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração (INCI). Também participaram consultores especialistas e representantes das empresas Expomus (responsável pela coordenação do projeto), T+T Projetos, Estúdio Preto e Branco e BUMMUB. Tratava-se do principal produto apresentado ao público depois de quatro anos do fechamento do Museu para a reforma realizada no edifício.

Ao invés de se limitar a promover e celebrar as memórias de alguns deslocamentos mais reconhecidos na história paulista, principalmente aqueles vinculadas à grande imigração do século XIX e XX, a instituição buscava naquela ocasião ampliar o seu escopo, criando um diálogo mais amplo entre os processos do passado e do presente e tomando como ponto de partida comum a experiência humana de migrar.

Assim, em oito módulos, a mostra busca abordar o processo migratório como um fenômeno permanente na história da humanidade, focalizando o cotidiano da Hospedaria de Imigrantes do Brás, a experiência de vida e trabalho no campo no passado, a história de São Paulo no contexto das migrações, a diversidade encontrada nos bairros paulistanos e os relatos de migrantes do passado e do presente.

A partir dessa proposta, o Museu da Imigração pretendeu, nos últimos oito anos, não só proporcionar aos visitantes a oportunidade de conhecer trajetórias de migrantes internacionais e internos, mas também aproximá-las das suas próprias experiências, fomentar diálogos e contribuir para a cultura do respeito às diversidades.

O Projeto "8 anos depois de Migrar: experiências, memórias e identidades"

Desde a reabertura do Museu da Imigração, em 2014, nossos parceiros, representando diversos setores da sociedade – como os grupos de migrantes organizados, as organizações voltadas ao tema das migrações, as autoridades públicas e comunidade acadêmica –, vêm não só acompanhando a programação museológica promovida, mas propondo e incluindo novos temas e abordagens na agenda. Nesse sentido, a iniciativa em questão teve como objetivo promover uma reflexão coletiva do conteúdo e da narrativa da exposição de longa duração, gerando um material de referência para a equipe curatorial, que será formada no próximo período.

O projeto "8 anos..." então teve como proposta promover e documentar debates, que, sistematizados, resultaram neste documento relacionado às avaliações críticas dos parceiros acerca da atual exposição de longa duração. Assim, entre maio e outubro de 2022, a equipe do Museu organizou visitas técnicas à exposição, seguidas de conversas em roda, onde cada um foi convidado a expor uma visão crítica sobre a atual exposição.

Durante os debates que seguiram, os participantes foram instados a responder às seguintes questões: a) Se pudesse resumir em um parágrafo, qual seria a narrativa expográfica da atual exposição de longa duração "Migrar: experiências, memórias e identidades"?; b) Na atual exposição de longa duração, quais grupos não têm retratados a sua experiência migratória?; c) Que âmbitos da vida (trabalho, lazer, vida familiar, entre outros) estão representados na exposição e de que maneira? d) De que maneira o acervo museológico está acionado dentro da narrativa expositiva? e) De que maneira a diversidade é retratada na atual exposição de longa duração?

As rodas foram gravadas e transcritas, gerando um material de aproximadamente 5 horas e 30 minutos e 130 laudas. O perfil de cada um dos participantes, assim como as transcrições desses encontros podem ser encontrados na íntegra na Parte II deste dossiê.

A seguir, os cinco encontros realizados, as datas e os tipos de parceiros que participaram:

1º Encontro	Organizações de migrantes internacionais	28/05/2022
2º Encontro	Comunidade acadêmica e ativistas	24/06/2022
3º Encontro	Comunidades parceiras da Festa do Imigrante e vizinhança do museu	23/07/2022
4º Encontro	Organizações internacionais, autoridades no tema migratório e ONGs	26/08/2022
5º Encontro	Museus e instituições que trabalham com Memória	23/09/2022

Análise do material

As 10 conclusões apresentadas no início deste dossiê foram geradas a partir de duas análises intermediárias, feitas sobre as transcrições dos encontros. Apresentamos, à continuação, essas duas análises (A e B), seguidas finalmente de excertos ilustrativos do material que gerou as análises intermediárias e a conclusão.

A) O que foi mencionado com maior frequência nos processos de escuta?

- Houve um consenso de que a atual exposição de longa duração expressa o que entende por fenômeno migratório baseado principalmente nas migrações do passado, dando pouco espaço aos fenômenos migratórios mais recentes;
- Todos os 4 grandes temas que surgiram foram mencionados nos 5 encontros promovidos: migrações internacionais históricas, migrações internacionais contemporâneas, projetos históricos para a migração no Brasil, e forma da expografia;
- Surgiu com maior frequência nos debates a necessidade de rever o que a exposição entrega sobre as migrações internacionais do passado (séc XIX e início XX). Aspectos como trabalho, lazer e

moradia estão colocados de maneira difusa, gerando pouca inteligibilidade para o fenômeno que se quer tratar.

- Dentro desse tema, foi mencionado ainda com bastante frequência a necessidade de ampliar a noção de migrações históricas a outros grupos vindos de países asiáticos e do Oriente Médio, à migração interna e os deslocamentos negros e indígenas;
- O segundo tema mais debatido durante as escutas foi a respeito das formas e recursos utilizados pela expografia;
- Dentro desse tema, foi mencionado com maior frequência a forma como está acionado o acervo, junto aos elementos cenográficos;

B) Análise baseado no Plano museológico de 2010

Segundo o Plano museológico do Museu da Imigração à época (2014), redigido paralelamente ao projeto curatorial da referida exposição,

Desde as primeiras conversas, surgiu a ideia de que o tema “migração” deveria ser atualizado pela instituição, ou seja, a história da migração humana não deveria ser encarada como uma questão relacionada apenas ou exclusivamente ao passado. É importante, contudo, destacar a conexão que o visitante faz entre as migrações e sua própria história – na medida em que muitos são descendentes de migrantes e imigrantes – porém sem sedimentar o tema no passado. Constatou-se a necessidade de a exposição dialogar com sua contemporaneidade, de maneira a refletir sobre as representações que temos do processo migratório para a cidade e o Estado de São Paulo, bem como sobre sua importância na constituição da identidade nacional brasileira. Outro ponto de fundamental relevância é traçar o histórico da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo, núcleo gerador do atual Museu da Imigração.

A história da Hospedaria de Imigrantes é um elemento de centralidade no discurso expositivo, que deve abordar a organização interna e cotidiana, bem como dar conta das relações institucionais delineadas ao longo dos seus anos de existência.

Também ficou estabelecido pelo grupo curatorial o protagonismo do acervo do Museu, o que não exclui os recursos midiáticos, interativos e virtuais, que deverão fundamentalmente dialogar com o acervo (Plano museológico, 2010: p. 21).

Do trecho apresentado, seria possível captar 5 ideias que fundamentam o projeto curatorial da atual exposição de longa duração:

- Migração como um fenômeno humano, não reduzido à experiência do passado
- Conexão com as memórias individuais do público sobre suas histórias de migração (internacional e nacional)
- Diálogo com a contemporaneidade das migrações internacionais
- Centralidade da Hospedaria de Imigrantes (organização, vida cotidiana e relações institucionais no longo período)
- Protagonismo do acervo

A seguir, apresentamos uma análise ponto por ponto, avaliando como os participantes avaliaram cada um desses elementos. Para cada um dos pontos, extraímos do conteúdo das atividades de escuta uma interpretação em dois níveis: primeiro, se entregou o que prometeu; segundo, como avaliam o que foi prometido.

- *Migração* como um fenômeno humano, não reduzido à experiência do passado

Entregou? Não. Foi bastante frequente a avaliação de que, apesar do discurso arqueológico acionado no módulo 1, e do espaço reduzido dedicado às migrações contemporâneas, a mostra, reproduzindo uma compreensão predominante na larga duração, ilumina muito pouco o fenômeno migratório para além da experiência do passado.

Avaliação: Um tema que surgiu com frequência é a falta de conexão dos fenômenos migratórios com elementos importantes da história nacional. Ressente-se da ausência de uma moldura interpretativa mais explícita que apresente o lugar de projetos como o projeto de embranquecimento da população brasileira, projetos urbanos higienistas, os projetos econômicos das elites no país, assim como os projetos de resistência dos povos negros e indígenas aos processos de marginalização. Além disso, houve uma série de problematizações sobre o caráter limitado do que se compreende como migrações internacionais históricas. Foi mencionado a ausência das migrações internas, de grupos migrantes vindos de países asiáticos e do Oriente Médio, das experiências dos povos indígenas e negros (para além do enquadramento problemático da democracia racial), da participação feminina nesses processos, da população LGBTQI+ e do lugar das periferias e cortiços.

- Conexão com as memórias individuais do público sobre suas histórias de migração (internacional e nacional)

Entregou? Não. A exposição promove conexão apenas com um tipo de memória individual: àquela que se relaciona ao fenômeno das migrações históricas, predominantemente ocorridas entre o final do século XIX e início do século XX, originárias dos países do continente europeu.

Avaliação: Dentre aqueles descendentes de migrantes internacionais europeus, e principalmente setores que tem uma ligação com a instituição desde o Memorial do Imigrante, essa conexão existe e é valorizada. Partindo da compreensão de que o edifício em que se encontra o museu foi construído inicialmente com o objetivo de receber migrantes internacionais, majoritariamente europeus, é reconhecida a importância da instituição de preservar essa memória. Apesar disso, foi mencionado diversas vezes sobre a parcialidade dessa conexão, na medida em que não dialoga com as memórias individuais a respeito das migrações internas, e de outras experiências de deslocamentos, como os de povos negros e indígenas.

- Diálogo com a contemporaneidade das migrações internacionais

Entregou? Não. As migrações internacionais contemporâneas estão muito pouco representadas na atual exposição de longa duração e a mostra não constrói diálogos.

Avaliação: Em concordância com o que foi mencionado sobre as ausências de enquadramentos interpretativos sobre as migrações históricas, foi criticado a ausência de uma referência mais explícita a respeito das legislações migratórias, mais especificamente, da atual lei de migração no Brasil (L13445/2017). Trazer essa referência poderia ser uma forma de trazer à exposição uma perspectiva de direitos humanos para a temática migratória. Por fim, foi criticado também o modo despersonalizado e a-historicizado como se trabalha as migrações internacionais contemporâneas. Como alternativas, foi mencionado a possibilidade de trazer referências comunitárias importantes, espaços de festas e processos de luta por direitos dessas populações.

- Centralidade da Hospedaria de Imigrantes (organização, vida cotidiana e relações institucionais no longo período)

Entregou? Sim.

Avaliação: Foi reconhecido por vários participantes a importância da

Hospedaria de Imigrantes como um dos eixos fundamentais para toda narrativa da atual exposição, inclusive para os módulos que não tratam necessariamente sobre a experiência humana da Hospedaria. Por outro lado, surgiu um questionamento sobre a forma assumida por essa centralidade. Em muitos comentários, surgiu a crítica a respeito do caráter de história única que pode surgir da conexão Hospedaria de Imigrantes-migrações internacionais históricas-experiência migratória. Além disso, foi questionado também a ausência de uma apreciação histórica do edifício, contextualizando-o dentro da política de embranquecimento, da promoção de uma política pública para as migrações no Brasil, ou os diferentes usos que tiveram este monumento ao longo dos seus últimos 135 anos.

- Protagonismo do acervo

Entregou? Não. Os objetos do acervo estão colocados predominantemente de forma cenográfica da exposição.

Avaliação: Os elementos do acervo (fotografias, documentos e objetos tridimensionais), não estão acionados junto a outros elementos que trazem a migração como um fenômeno. Nesse sentido, os objetos estão sendo acionados a partir de uma postura de fetiche pelo antigo, que pouco entrega sobre a ideia de experiência vivida dos fenômenos migratórios. Uma das críticas feitas se referia ao acionar de objetos do acervo apenas nos módulos voltados ao funcionamento da Hospedaria, denotando uma certa hierarquização dos conteúdos, dando maior importância para a conexão Hospedaria de Imigrantes-migrações internacionais históricas-experiência migratória. Como possibilidade alternativa a esse tipo de uso, foi mencionado a construção de vínculos dos objetos com narrativas pessoais (HO) e eventos históricos e utilização de outros objetos em outros módulos para além da Hospedaria, a partir de empréstimos de outros museus e instituições comunitárias.



Figura 3 Segundo encontro: Comunidade acadêmica e ativistas



Figura 4 Terceiro encontro: Parceiros da Festa do Imigrante e Entorno

Excertos ilustrativos das transcrições

Tanto as análises intermediárias como as conclusões tiveram como subsidio o material transcrito das atividades de escuta, categorizados em 4 grandes temas. Cada um desses temas se subdividem em alguns subtemas (a, b, c, d,e...). A seguir, apresentamos esse sistema de classificação e os excertos ilustrativos de cada um dos grandes temas.

1. Migrações internacionais históricas (séc XIX e início XX) e suas limitações
 - a) A compreensão estreita que se tem sobre o fenômeno migratório, decorrente de uma perspectiva muito pautada no que foi a "Grande imigração (séc. XIX)";
 - b) Hospedaria de Imigrantes do Brás
 - c) Deslocamentos negros e indígenas
 - d) Atribuição de valor aos fenômenos migratórios
 - e) Outros
2. Migrações internacionais contemporâneas
 - a) Diferentes dimensões das migrações mais recentes
 - b) Falta ou ausência de representação das migrações mais recentes
 - c) Falta de diversidade na representação sobre as migrações mais recentes
3. Projetos históricos para a migração no Brasil
 - a) Perspectiva negra e indígena sobre a história das migrações
 - b) Necessidade de explicitar projetos (nacionais, das elites agrarias, de embranquecimento, de higienização) que produziram migração
 - c) Normativas nacionais sobre migração e sobre uso da terra
4. Forma e recursos da expografia
 - a) Acervo e cenografia em conexão com pessoas
 - b) Linguagens artísticas
 - c) Coerência expográfica e necessidade de lidar com contradição
 - d) Dispositivos digitais
 - e) Outros
5. Outros

1. Migrações internacionais históricas (séc XIX e início XX) e suas limitações

Numa perspectiva talvez até errônea minha, mas virou o museu do imigrante italiano quase - quase uma ideia do imigrante alemão, o recém-migrante europeu. Tanto que, no vídeo que vai introduzir a parte de São Paulo, se coloca lá que traz esse imigrante como substituto mais barato para o escravo negro. É uma frase muito simplista para a questão do que foi esse processo no país, do que foi essa relação.

Jean Marcel (Quinto encontro Museus parceiros e às instituições que trabalham a memória)

O Memorial do Imigrante tinha esse papel de mostrar essa primeira grande onda imigratória, que começou lá atrás, 1890, por aí, indo quase no final do século 19 para o início do 20. Então, por isso enaltece tanto os demais aqui. Essa questão da cultura italiana, dos japoneses, e parece que ele só tem (esses grupos), não é? Não. (...) Aí entra todo esse pessoal da América Latina, que são bolivianos, peruanos, venezuelanos e outros mais. (...) Então, hoje o museu estava mais preocupado com isso. Eu, particularmente, dei até uma cobrada neles. Falei assim "você também tem que manter essa história viva, antiga, do museu."

Elizabeth Florido (Terceiro encontro Parceiros da Festa do Imigrante e Entorno)

Esse é um museu da hospedaria, não é o museu da imigração do estado de São Paulo. Cadê os árabes? Cadê os africanos? Cadê os indígenas? Os portugueses não estão aqui, porque não foram trabalhar na lavoura, foram trabalhar na cidade. Gente, os portugueses, sem nenhum julgamento de qual é o mais importante, mas vários

Então, mas eu acho que aí é uma questão que faz muito pensar, em que medida a história do lugar da memória é central para pensar a exposição, e aqui você descobre a hospedaria no meio como essa instalação. Mas isso também eu senti um pouco de falta, da história da hospedaria com mais força - se ela é o centro.

<p>fluxos importantes estão ausentes.</p> <p><i>Luis Felipe Aires Magalhães (Segundo encontro Comunidade Acadêmica e ativistas)</i></p>	<p><i>Ana Pato (Quinto encontro Museus parceiros e às instituições que trabalham a memória)</i></p>
<p>Eu queria responder essa primeira pergunta sobre quais grupos não têm retratados as suas experiências migratórias. Claramente, senti a falta das dissidências de pessoas LGBTQIA+ dentro dessa própria experiência migratória, não reconheci elementos que sequer visibilizam de algum jeito que existia essa migração, pelo contrário, eu vi uma migração retratada de uma perspectiva muito genérica e deixa de lado todas essas diversidades que existem dentro do processo migratório, principalmente nos dias de hoje, que estão mais visíveis, que estão mais latentes, não quer dizer que antes não estivesse, só que os registros não existem. Hoje, existem os registros, existem movimentos, existem uma série de condições que fazem com que esse tipo de migração seja retratada, e não está sendo. Então, é nesse sentido.</p> <p><i>Maria Paula Botero Rodriguez (Primeiro encontro Organizações de Migrantes)</i></p>	<p>Essa questão dos registros, aí também é doloroso também estar no museu. O museu também é um espaço de dor para nós afro-brasileiros, porque nós não sabemos de onde viemos. É fácil para quem é branco falar, o meu pai é italiano, minha bisavó é polonesa, português, sei lá o que for. Os nossos registros foram apagados, o estado brasileiro apagou o registro para não pagar indenização, reparação histórica, não pagou reparação. Então, nós não sabemos de que parte viemos da África, isso é doloroso. A violência do estado brasileiro está aí, não sabemos de onde viemos. Então, quando eu vejo aquele quadro eu até comentei com o Thiago, os sobrenomes, eu falei, "Cara, isso é violento, é horrível isso aqui". Para alguns está resolvido, mas para nós não está resolvido.</p> <p><i>Alex Vargem (Segundo encontro Comunidade Acadêmica e ativistas)</i></p>

2. Migrações internacionais contemporâneas

Só para esclarecer o que o colega falou, eu não estou esperando que o museu seja... que a exposição seja uma enciclopédia. Não foi isso que eu falei. Na verdade, o que eu quis dizer, o que eu falei foi da falta de retratação dos povos bolivianos na exposição, assim como você consegue pegar e ver, aqui eu vou para a casa da minha avó e eu me vejo (caso dos descendentes de imigrantes europeus). Cara, a gente não se vê. Então, é muito nesse lugar e eu acredito que é justamente por causa disso que a gente tem essa pergunta. Então, a falta me ver e ver pessoas como eu contando histórias da imigração.

Stephanie Illanes

(Segundo encontro Comunidade Acadêmica e ativistas)

Se a gente for pegar uma perspectiva. Usar uma perspectiva conceitual, toda pessoa em situação de refúgio é um imigrante, nem todo imigrante está em situação de refúgio. Então, de cara nós temos uma ausência muito grande hoje do que são os deslocados forçados e nós temos uma ausência justificada, conceitualmente, dos deslocados forçados de ontem. (...) Eu acho que ali a gente precisa de um conceito mais amplo que traga para dentro desse escopo conceitual a população em situação de refugio, deslocados forçados do passado e de hoje.

*Luis Felipe Aires Magalhães
(Segundo encontro Comunidade Acadêmica e ativistas)*

Qualquer jeito que você veja, todo o trabalho maravilhoso que o museu faz, se você entrar e sair você não viu nenhum

Falando de movimentos migratórios, antes de falar dos movimentos migratórios, dos coletivos, a gente tem que falar

<p>símbolo de seu país, nenhuma foto, nenhuma coisa. Você fica um pouco desanimado. A maioria das fotos é muito antiga. Principalmente 2013, 2014, o o (projeto) Visto Permanete fez um trabalho bacana, que São Paulo inteiro começou a interessar a migração. (...) Vários cantores, as mulheres artistas, boliviano, africano, em geral dos cinco continentes, cada um participou e esteve presente.</p> <p>Adama Konate (Primeiro encontro Organizações de Migrantes)</p>	<p>das lideranças. (...) Lideranças essas que fazem com que as pessoas que vivem nos seus bairros, na verdade, consigam manter um elo de confiança em um espaço distante da sua terra. Então, eu senti a falta dessas lideranças, realmente, e principalmente de lideranças mulheres, embora, você falou dessa feminização da própria imigração, esse novo fenômeno que a gente sabe que nunca foi novo, sempre existiu.</p> <p>Maria Fernanda (Primeiro encontro Organizações de Migrantes)</p>
---	--

3. Projetos históricos para a migração no Brasil

<p>Outra coisa que eu senti muita falta, e que eu acho que é fundamental nesse tema, é questionar o porquê das fronteiras. Esse papel do Estado limitador. Quando a gente chega, tem uma questão aí na exposição da Anaís¹, tinha um parágrafo, que fiz questão de</p>	<p>Para ser bem objetiva assim, eu acho que a Hospedaria dos Imigrantes nasceu de uma política racista da elite do café e eu acho que isso precisa aparecer mais e acho que isso não aparece assim. Ser pontuado aqui ou ali não responde a isso, não diz e não oferece subsídios talvez para a</p>
---	---

¹ Referência a instalação “Eu vim de lá”, de autoria de Anaís Escalona, Shambuyl Wetu e Zé Vicente, inaugurado no mesmo dia da visita técnica.

tirar foto, que antes da colonização já existia entronques culturais, então, vista a migração como se fosse uma coisa de entronque, não de complementação. (...) você tem visto como as viagens de África para a América Latina, América Latina para a África, da Europa, eram completamente naturais, e não se tinha antes da colonização essa questão fronteiriça.

Então, eu acho que palavras como Abya Yala, que era Pindorama, esses outros nomes recuperados, e esses outros momentos onde a migração era uma questão absolutamente natural e a gente não precisava de documento. Questionar, eu acho que seria importante o museu questionar os porquês das fronteiras da migração, porque grande parte da problemática migratória vêm por essa questão estatal, essa é outra questão que eu senti falta.

Ana Sofia Garcia (*Primeiro encontro Organizações de Migrantes*)

equipe do educativo né, de vocês assim, parece que se aí vem falar de uma política do branqueamento, uma política racista da elite do café, parece que é uma coisa da cabeça ali do educador, historiador ali que está aprendendo e que está tirando da cabeça dele. Então se isso não aparecer na exposição em si, vai ser muito difícil que o imigrante branco não seja glorificado com a exposição do museu aqui.

Então eu acho que o Museu da Imigração tem uma vocação, que é justamente contar a sua própria história, oxalá que seja de uma maneira crítica, tomara que seja de uma maneira crítica, porque esse prédio foi construído com um objetivo, teve uma história, teve um objetivo muito específico, foi a elite do café que construiu isso aqui, isso precisa ser dito. E eu acho que a gente precisa olhar para esses imigrantes brancos que foram os primeiros a ser trazidos, eu sei que não os únicos, porque depois vieram muitos outros grupos, mas o prédio existe para

	<p>isso, para trazer, porque eles não vieram sozinhos, eles foram trazidos por uma política desse grupo específico, então isso precisa ser dito, com todas as letras. (...) Então contar isso: para que foi construído esse espaço, exatamente, quem foi que construiu, quais foram as famílias muito importantes da época, as próprias disputas no interior da elite do café daquele momento.</p> <p><i>Tabita Tiede Lopes (Quarto Encontro: Organizações Internacionais, autoridades locais e organizações para imigrantes)</i></p>
<p>Eu senti falta, ao longo da exposição, de mais textos de maior profundidade. Eu entendo que a exposição se relaciona com vídeos que até são feitos em formato de pílula, para que as pessoas possam acessar, mas eu senti falta dessa maior profundidade, especialmente fazendo uma análise social, econômica, política dos povos</p>	<p>Os Guaranis, das aldeias, os indígenas da grande cidade, as correntes migratórias, por exemplo, os Guaranis que sempre existiram na história do Brasil, na história de São Paulo e continua existindo. Porque os Guaranis ainda continuam no Jaraguá e depois se deslocam para Parelheiros, descem para o litoral, se deslocam para diversas aldeias do litoral, do Rio de Janeiro, Espirito Santo, entre outros. E as diversas etnias, como os Kaimbé que vivem na</p>

<p>que migraram para cá, porque a impressão que eu tive é que ficou todo mundo dentro de um mesmo saco ali, e a gente sabe que inclusive hoje as migrações são motivadas por um sistema capitalista predatório, por países hegemônicos que continuam vilipendiando os países que aí são considerados países periféricos, e que as pessoas precisam migrar porque precisam sobreviver. Então eu senti um pouco falta dessa análise política mesmo do sistema internacional dos povos que estão sendo retratados ali.</p> <p>Thais La Rosa (Quarto Encontro: Organizações Internacionais, autoridades locais e organizações para imigrantes)</p>	<p>cidade de São Paulo, que migraram como fruto de uma retirada de territórios da região da Bahia.</p> <p>Anderson Souza Guarani (<i>Segundo encontro Comunidade Acadêmica e ativistas</i>)</p>
<p>4. Forma e recursos da expografia</p>	
<p>Primeiro, responder a essa terceira, me parece que o acervo está num caráter referencial, o universo referido. São alguns</p>	<p>E aí um pouco dos documentos naquelas gavetas. Particularmente, trata o documento como um fetiche humano, então o</p>

<p>elementos que estão ali. Acho que existe uma proposta cenográfica em relação à passagem de alguns conteúdos, e que o acervo me pareceu sempre referencial, quer dizer, a gente não tem coleções exaustivas apresentadas como, em muitos museus de história, a gente vê.</p> <p>Maria Cristina Oliveira Bruno (<i>Quinto encontro Museus parceiros e às instituições que trabalham a memória</i>)</p>	<p>documento não como registro da dignidade humana, mas é um fetiche: "olha que negócio antigo, olha isso daqui", e aí falta uma legenda, uma relação de discussão, uma relação que o documento em si, muitas vezes, não representa o acontecimento como os outros objetos. Acho que é isso. Quando usar o documento na exposição, não colocar ele simplesmente como uma alegoria, mas colocar como uma ação humana reflexiva, e trazer esse questionamento.</p> <p><i>Jean Marcel (Quinto encontro Museus parceiros e às instituições que trabalham a memória)</i></p>
<p>. É tudo muito didático e pouco questionador, e onde tem a mesa e as camas, para mim, aquilo é puramente cenográfico - não tem um questionamento, não tem um aproveitamento. Tem imagens lindas nas mesas que não estão aproveitadas. Os objetos são lindos e estão colocados lá, mas são só</p>	<p>A literatura faz parte grande da história do mundo. A gente conhecer uma parte grande da história através de uma obra de alguém, escrevendo. Então, a literatura pode encaixar muito quando a gente tá falando sobre história, porque uma explicação justa, claro, aí não é de esquerda,</p>

<p>colocados. Os objetos precisam contar uma história. Então, que objeto é esse, quem deu, porque deu, como usava. Também sei que vocês têm problemas, que vocês não sabem de onde veio o acervo, como veio e como foi dado; mas para que esses objetos estejam lá, eles têm que contar uma história.</p> <p>Roberta Sundfeld (<i>Quinto encontro Museus parceiros e às instituições que trabalham a memória</i>)</p>	<p>não é de direta, de lugar político.</p> <p><i>Anais Obaid (Terceiro encontro Parceiros da Festa do Imigrante e Entorno)</i></p>
<p>Eu só queria alertar que, para mim, é fundamental em um novo planejamento da exposição temporal, que realmente se coloquem artistas, criadores, agentes culturais migrantes dentro desse momento que o museu vai ter que assumir da contemporaneidade das migrações no Brasil. Em São Paulo, por exemplo, existe um fotógrafo boliviano, que é o Dom</p>	<p>Então, eu sinto que o objeto não é entendido como um objeto museológico, ele é entendido como um cenário. O objeto ali é apresentado de uma forma sem muita crítica e isso me incomoda muito. Porque esse museu tem um potencial incrível de pesquisa, existem muitos pesquisadores que já se dedicaram a temática da imigração e os objetos</p>

Alberto, que é um homem que, desde os anos 70, 78, 79, fotografou a comunidade boliviana até o início de 2020, até o início da pandemia, e é um homem que tem centenas de milhares de fotografias da comunidade boliviana. (...) Então, por exemplo, está aí um cara que o museu tem que conversar, e o museu tem que ter esse acervo em mãos para colocar ele em dialogo nessa exposição permanente.

Cristina de Branco (Primeiro encontro Organizações de Migrantes)

conseguiriam contribuir enormemente para fomentar esse tipo de questionamento, até essa ausência de grupos que existem.

Eles não estão representados por que não tem acervo? A gente não tem, por exemplo, uma representação tão internalizada de comunidades indígenas, porque a gente não tem acervo indígena? Onde que estão esses acervos? Por que que o museu não faz uma parceria com a musse Afro e traz a materialidades dos afros para cá para a gente problematizar essa materialidade a partir da perspectiva da imigração também? Então, existe essa dificuldade, eu entendo essa limitação da temática do acervo, mas, enfim, a gente não pode usar isso como uma muleta. “Não vamos tratar sobre, porque não temos objetos, os objetos que a gente tem a gente coloca como mero objeto figurativo.

Letícia Suárez Victor (Segundo

	<i>Encontro: Comunidade Acadêmica e ativistas)</i>
5. Outros	
<p>O museu está pronto para assumir determinados posicionamentos políticos? Porque mudar determinadas palavras, alterar determinadas palavras, colocar determinados grupos dentro das narrativas é assumir um posicionamento. A gente quer assumir o posicionamento de falar sobre pessoas em situações de rua? Porque a gente sabe que isso está ligado a políticas públicas. Então, a gente vai assumir isso aqui? E se a gente assumir, onde a gente vai se pautar?</p> <p>Carolina Rocha</p> <p><i>(Quinto encontro Museus parceiros e às instituições que trabalham a memória)</i></p>	<p>Eu acho importante, o museu, a sua concepção, perceber que há lacunas, de alguma forma, corrigi-la com os movimentos imigrantes. Mas eu acho que isso parte de um ponto, por exemplo, hoje nós viemos aqui, toda a equipe da imigração, tem pessoas brancas, e eu não vi migrantes, eu não vi negros, eu não sei se existe, se existir, já me tira essa dúvida, se não existir, eu acho importante começar dali, porque eu acho que isso vai gerar um impacto muito significativo, porque, se tiverem migrantes no próprio corpo técnico da diretoria, da equipe de trabalho, isso facilita muito, isso ajuda, isso faz com que a gente não reproduza equívocos que eu acho que, obviamente, até essas pessoas, eles vão conseguir enxergar isso, porque tem coisas que, por exemplo, por mais que</p>

you have a good sense, have a progressive vision, have something that you don't have, because you are not part of that group. Then, having a migrant there, I think it would make a difference, having black people on the team, it would make a huge difference, so I think that this has attracted a lot of attention, I would like to add.

Vensam lala (*Primeiro encontro Organizações de Migrantes*)